
Apontamentos para um Projeto de Educomunicação Junto a Adolescentes que Cumpram Medidas Socioeducativas¹

Ana Carolina Franco BEZERRA²

Milena Aíssa da Silva GUILMO³

José Carlos FERNANDES⁴

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O presente artigo apresenta o Voz Ativa, um projeto de Educomunicação em processo. Desenvolvido por duas acadêmicas de Jornalismo, a proposta se destina a adolescentes em conflito com a lei que cumprem medidas socioeducativas no Cense São Francisco, em Piraquara, Região Metropolitana de Curitiba, PR. A partir das atividades realizadas, o artigo se utiliza do método da pesquisa-ação para analisar a experiência de Educomunicação no ambiente socioeducativo. Os eventos em observação contaram com a utilização dos meios e das técnicas comunicativas a fim de reeducar e empoderar o público-alvo. Como resultado principal, destaca-se um compilado com mais de dez aspectos que podem ser considerados em futuras iniciativas nas instituições socioeducativas.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes; Socioeducação; Educomunicação; Pesquisa-ação.

INTRODUÇÃO

O Voz Ativa é um projeto que tem como base os conceitos da Educomunicação⁵. A proposta se desenvolve no Centro de Socioeducação (Cense) São Francisco, localizado em Piraquara, região metropolitana de Curitiba, PR – outrora um “educandário”, nos moldes pré-Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e assim ainda hoje conhecido. Uma vez por semana, duas acadêmicas de jornalismo se dirigiam até a unidade de internação para realizar atividades com adolescentes em conflito com a lei, todos do sexo masculino. Os encontros eram norteados pela Educomunicação, teórico-prática capaz de impactar a vida em sociedade ao aplicar instrumentos de comunicação no universo educacional, seja em escolas ou instituições de socioeducação (SOARES, 2011).

Para relatar a experiência adquirida ao longo das oficinas, este artigo utiliza da pesquisa-ação, devido à interação ativa entre as pesquisadoras e o grupo pesquisado

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces comunicacionais, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7.º semestre do Curso de Jornalismo do Decom-UFPR, e-mail: carol.anab99@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7.º semestre do Curso de Jornalismo do Decom-UFPR, e-mail: milena.aissa@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Decom-UFPR, e-mail: zeca@ufpr.br

⁵ Grafaremos Educomunicação em maiúsculas, de modo a destacar a teoria utilizada na pesquisa.

(PERUZZO, 2011). Por extensão, tal metodologia valoriza o desenvolvimento social, possibilitando que o próprio processo e os resultados da investigação sejam benéficos para o grupo estudado.

A pesquisa segue em progresso, posto que as visitas foram suspensas durante a pandemia do coronavírus, impedindo o cumprimento do cronograma. Mesmo assim, foi possível observar a evolução dos adolescentes envolvidos e elencar alguns elementos necessários para garantir o êxito de um projeto educacional na socioeducação. Vale ressaltar que o mais importante para essas iniciativas “não é a elaboração do produto final de cada oficina nem a sua disseminação, mas o seu processo de construção” (ROCHA, 2012, p. 40).

Conhecendo a temática: adolescência e socioeducação

Antes de abordar as atividades desenvolvidas no Cense São Francisco, é preciso conhecer, do ponto de vista legal, as determinações envolvendo adolescentes em conflito com a lei. Neste ano de 2020, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) completa 30 anos. A criação do ECA (lei 8.069/90) foi um marco regulatório dos direitos das crianças e dos adolescentes⁶, estabelecidos previamente no Artigo 227 da Constituição Federal de 1988.

A ideia de socioeducação surgiu, pela primeira vez, com a publicação do ECA, constata Raniere (2014). No entanto, o estatuto deixou lacunas a respeito da definição do conceito e a finalidade da implementação de medidas socioeducativas. No texto da lei, o termo *socioeducação* é utilizado apenas na forma adjetiva, como em “programa socioeducativo”.

O autor aponta, ainda, que o termo *socioeducação* foi elaborado por Antônio Carlos Gomes da Costa, pedagogo e autor de diversos livros sobre promoção, atendimento e defesa dos direitos de crianças e adolescentes. Paralelo, o pedagogo atuou em diferentes órgãos governamentais e não-governamentais na área da infância e juventude. Foi diretor da Fundação do Bem-Estar do Menor (Febem) e um dos redatores do ECA, responsável por cunhar o termo *socioeducação*, o qual instaurou novas possibilidades no atendimento ao adolescente em conflito com a lei. Para elaborar o termo, Antônio Carlos se inspirou no “Poema pedagógico” de Anton Makarenko, lançado em 1933 (RANIERE, 2014).

⁶ O ECA considera como criança os indivíduos com até 12 anos de idade incompletos. A faixa etária de 12 a 18 anos representa os adolescentes.

Nesse cenário, entende-se que a socioeducação emergiu com a responsabilidade de evidenciar o caráter educativo das medidas, rompendo com o caráter até então punitivo, coercitivo e corretivo que prevalecia na execução das medidas. Apesar do incontestável reconhecimento de que a socioeducação surgiu no ECA, há que se destacar que a obra de Makarenko tratava da educação social e não propriamente da socioeducação, terminologia que surgiu em virtude da semelhança do trabalho que o pedagogo realizava com jovens abandonados, infratores ou privados de liberdade com a realidade das medidas socioeducativas no Brasil.

Outros avanços nos direitos dos adolescentes autores de atos infracionais só aconteceram em 2012, com a fundação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), que esclarece as bases e princípios sob os quais se ancoram as medidas socioeducativas, a fim de reeducar o adolescente para a vida em sociedade. É nesse processo que a Educomunicação pode auxiliar os jovens e as instituições socioeducativas, que têm a função de fornecer oportunidades para que os internos superem sua condição de excluídos e construam “valores positivos que irão contribuir na participação da vida social” (ONGARO, 2011, p. 57).

No Brasil, 143.316 adolescentes cumpriam medida socioeducativa em 2017, de acordo com o último levantamento anual do Sinase, divulgado em 2019 pela Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente do Ministério dos Direitos Humanos (SNDCA/MDH). A pesquisa revela que 117.207 cumpriam medida no regime aberto – liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade. O restante dos adolescentes, 26.109, estava em unidades de restrição e privação de liberdade. As principais causas de internação são roubo e tráfico de drogas.

Os índices do Paraná estão abaixo da média nacional. Em 2018, a cada 100 mil habitantes, cerca de 6% representam adolescentes internados. A taxa aumenta para 9%, aproximadamente, considerando todo o país, de acordo com o Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas (DMF) e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ)⁷.

⁷ Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2018/11/1020c8c889d5fd7c0ec2b7bc29850d50.pdf>>.

Tabela 1 – Número de atendimentos realizados no Paraná em 2017

TIPO DE ATENDIMENTO	TOTAL
Abrigamento	503
Internação	1.818
Internação provisória	1.290
Internação sanção	106
Semiliberdade	339
Agendamentos da DVI	603
Total	4.659

Fonte: Departamento de Administração Socioeducativa (Dease).

O Cense São Francisco, unidade frequentada durante esta pesquisa, possui capacidade para receber até 60 meninos em regime de internação, conforme o Dease. Entre a população de jovens privados de liberdade, o uso dos meios de comunicação “é, em geral, muito atrelado ao consumo dos produtos midiáticos e predominantemente como forma de entretenimento” (ROCHA, 2012, p. 35). O Voz Ativa visa interferir e interagir com essa performance por meio das atividades realizadas nos encontros.

Uma experiência educomunicativa pelo viés da pesquisa-ação

A metodologia central utilizada nas oficinas ministradas pelas pesquisadoras é a Educomunicação, que integra o estudo dos sistemas de comunicação às práticas educativas. Trata-se de uma forma de educar por meio das práticas e técnicas comunicativas. O conceito é definido por Ismar de Oliveira Soares, um dos principais teóricos sobre o assunto, como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa (SOARES, 2002, p. 24).

Para Soares (2011), a gestão comunicativa deve compartilhar processos e recursos da informação entre educadores, educandos e a comunidade envolvida. Tal prática visa instaurar

um diálogo participativo, motivar os jovens e aproximá-los dos educadores, de modo a ampliar a mobilização para a ação, aprendizagem e tomada de consciência.

A Educomunicação é considerada uma área transdisciplinar, que propõe à comunidade-alvo a apropriação das linguagens midiáticas e dos meios de comunicação. Ou seja, os recursos comunicativos devem ser utilizados pelos educandos de maneira coletiva a fim de aprofundar conhecimentos ou transformar suas condições de vida (SOARES, 2011). Atingir tais aspectos requer certa harmonia entre ensino, conhecimento do perfil da juventude e táticas de comunicação. No caso do Cense São Francisco, a criação de um vínculo com os adolescentes foi fundamental para o bom andamento das atividades. O projeto conseguiu atingir cinco internos: um de 15 anos, três de 16 e um de 17. Todos cumpriam medida na unidade há pelo menos dois meses, sendo que alguns estavam na segunda internação.

Os encontros aconteceram semanalmente, de fevereiro a março deste ano. Todas as dinâmicas, atividades e ideias propostas ao grupo foram abraçadas sem objeções. Eles não demonstravam grandes dificuldades com a escrita, gostavam de conversar, eram participativos, receptivos e um pouco pragmáticos – sentiam a necessidade de compreender a finalidade e o objetivo de cada tarefa realizada. Durante as oficinas, buscou-se desenvolver quatro eixos norteadores com a comunidade-alvo (educação, cidadania, cultura e juventude), incentivando a discussão de temas sociais e não só trabalhando com ferramentas de comunicação.

A escolha pelos temas medulares teve como objetivo auxiliar na formação de cidadãos críticos, participativos e integrantes de seus meios sociais, aptos a ressignificar os espaços de convivência. Por meio de debates e atividades, as oficinas⁸ estimularam a percepção dos participantes como sujeitos pertencentes a uma sociedade e dignos de direitos, assim como os demais membros da estrutura social. Em relação à comunicação, ela foi apresentada como uma ferramenta poderosa, capaz de causar a transformação social, ainda que em um pequeno espaço geográfico.

Nas atividades educacionais, as tecnologias e práticas inerentes ao cotidiano dos comunicadores devem ser colocadas a serviço do bem comum e da prática da cidadania, enfatiza Soares (2011). Ao entrar em contato com os meios de comunicação, os adolescentes experimentaram o “outro lado”, deixando de ser receptores e se tornando agentes. Essa

⁸ O termo será empregado para se referir às pesquisadoras em campo.

apropriação dos meios os fez enxergar a possibilidade de se expressarem por meio da comunicação, sendo educados pela mídia e não para a mídia (SOARES, 2000).

Enquanto a Educomunicação regeu as oficinas, o método da pesquisa-ação orienta a produção deste artigo. Tal metodologia auxilia a população envolvida a identificar por si mesma os seus problemas, realizar a análise crítica deles e procurar as soluções adequadas (PERUZZO, 2011). O pesquisador pode modificar o contexto que pretende investigar, tendo por base a intenção de não só coletar dados, mas também de contribuir para o avanço do grupo, como realizado nas atividades no Cense São Francisco.

A pesquisa-ação pressupõe o entendimento da comunidade-alvo de que está sendo investigada. Mais do que saber do estudo em si, os indivíduos são informados sobre os objetivos da pesquisa e participam do processo de realização (formulam o problema, analisam os objetos, ajudam a levantar dados e discutem os resultados). Trata-se de um trabalho em conjunto, que depende diretamente do engajamento e envolvimento de todos. Por isso, o principal desafio do pesquisador no ambiente investigado implica na manutenção do vínculo entre ele e os membros da comunidade.

A aproximação com o Cense São Francisco aconteceu em 2019, com a direção da instituição, quando se deu início à elaboração do Voz Ativa, implementado em fevereiro deste ano. O primeiro contato entre as oficinairas e os adolescentes contou a presença da terapeuta ocupacional da unidade. Tal acompanhamento foi essencial para apresentar as pesquisadoras ao grupo e também para a instituição identificar o nível de interesse dos participantes. No primeiro encontro, foi explicado como funcionariam as oficinas e quais eram os objetivos do projeto.

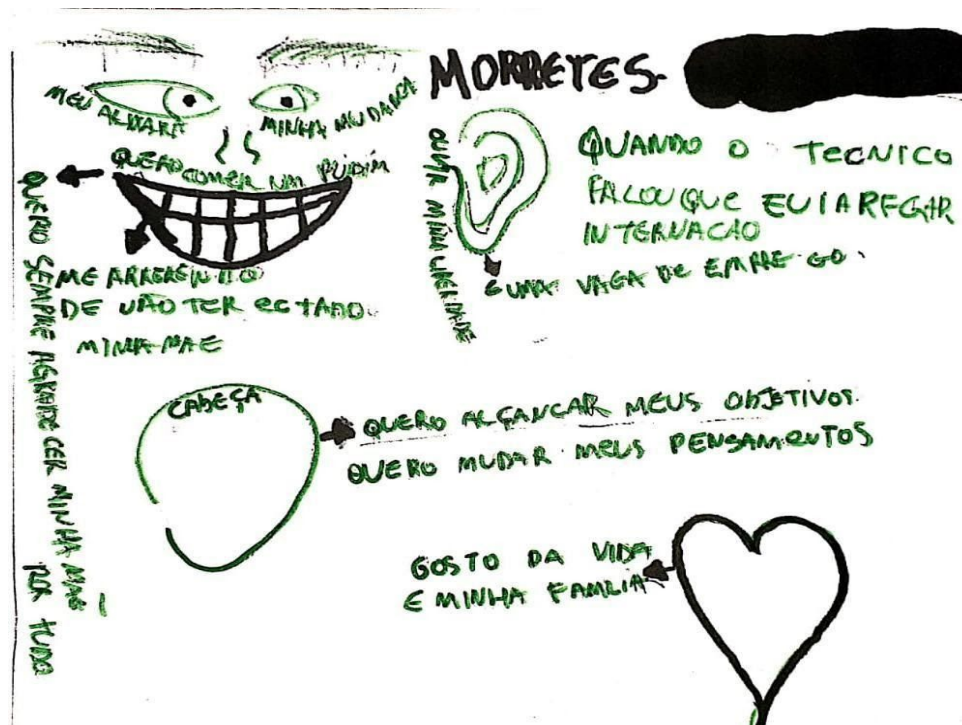
Na semana seguinte, os participantes fizeram alguns desenhos que serviram como gancho para eles relatarem, por escrito, sentimentos e episódios vivenciados, na forma de depoimentos. A maioria dos adolescentes mencionou o arrependimento de ter cometido o ato infracional, a relação afetiva com os familiares e coisas que gostariam de dizer aos parentes. Já no que diz respeito à memória de cada um, destacaram-se na oficina os relatos sobre o momento em que os meninos foram internados para cumprimento da medida socioeducativa. Em um segundo momento da oficina, os adolescentes desenharam e escreveram o que gostariam de conquistar – sonhos e planos para o futuro, como a conclusão dos estudos e a entrada em uma universidade.

Figura 1 – “Atividade de J.F., de 17 anos”



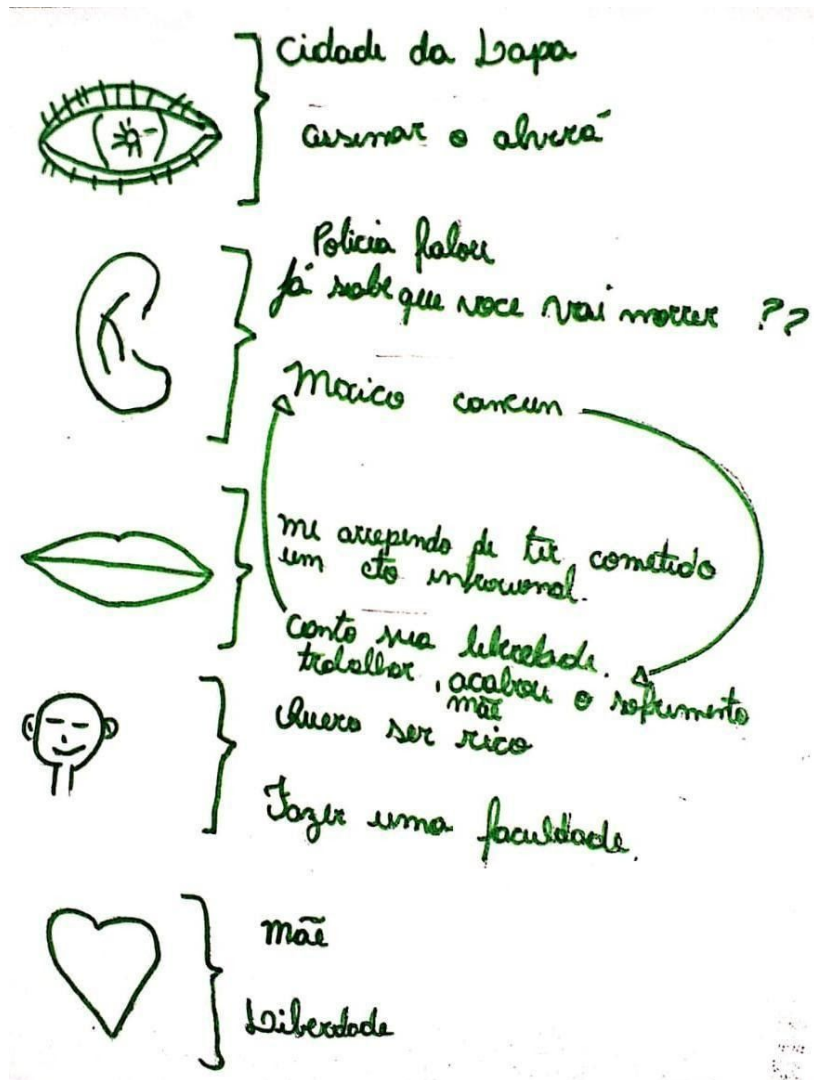
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2 – “Atividade de G.A., de 16 anos”



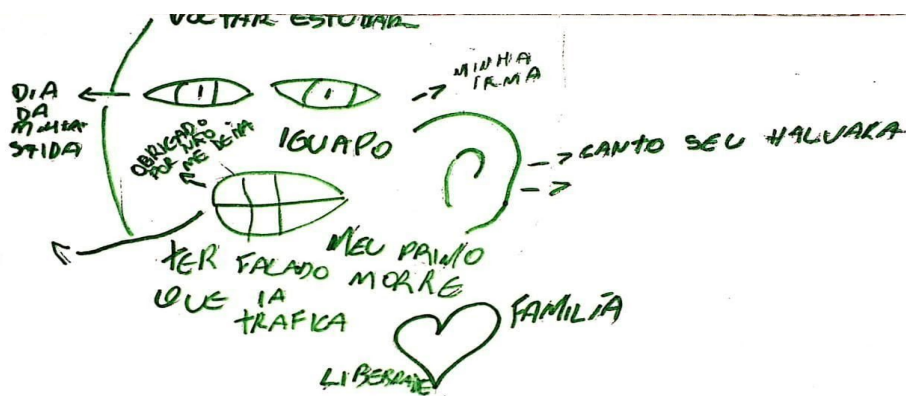
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3 – “Atividade J.E., de 16 anos”



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4 – “Atividade de F.B., de 16 anos”



Fonte: Arquivo pessoal

Durante o Voz Ativa, também se abordou a crítica de mídia. Na oficina, as pesquisadoras mostraram ao grupo algumas manchetes de jornais: a) “Desesperado, homem rouba coxinha para alimentar família e acaba preso em flagrante”; b) “Adolescente é linchado por populares após roubar celular na Zona Sul”; c) “Adolescente criminoso faz crescer discussão do assunto”; d) “Jovens: futebol tenta dar novas perspectivas a meninos da Fundação Casa”. O objetivo era que a comunidade-alvo identificasse de que modo a mídia retratava os adolescentes em conflito com a lei, despertando o olhar crítico do grupo.

O projeto também apresentou aos participantes a linguagem audiovisual, que poderia ser utilizada como uma forma de expressão. Os adolescentes assistiram a alguns curtas-metragens (com temas próximos da realidade deles), conheceram os enquadramentos e ângulos mais recorrentes do audiovisual, tiveram acesso a noções básicas de roteiro, formularam perguntas e simularam entrevistas entre si.

Todas as oficinas começavam com uma dinâmica, a fim de estimular o vínculo educando-educador, valorizar o trabalho em equipe e aumentar a autoestima dos adolescentes. Atividades lúdicas e interativas despertam a atenção dos jovens, além de “desenvolver a capacidade de oratória, expressão, desinibição, liderança, trabalho em grupo e aumento do repertório lingüístico, o docente abre espaço aos estudantes para o exercício da cidadania” (ONGARO, 2011, p. 52).

Os encontros ocorreram na biblioteca da unidade, com acesso a aparelho televisivo utilizado para mostrar exemplos de atividades a serem desenvolvidas. Durante as oficinas, o grupo se reunia em círculo, para que o processo fosse mais dinâmico e rompesse com a estrutura de sala de aula presente – não necessariamente de forma positiva – no imaginário dos meninos. O material utilizado nas atividades eram papel, borracha, lápis de escrever e colorir. Por medidas de segurança, os itens disponibilizados precisavam ser conferidos e contabilizados ao iniciar e encerrar o encontro.

Os adolescentes se mostraram bastante interessados e participativos ao longo das tarefas. Foram receptivos, cordiais e não foi registrada nenhuma forma de agressão verbal. A música é muito presente nas práticas do grupo, principalmente o funk e o rap. Alguns cantam, outros compõem. Todos possuem pelo menos um talento, que fica evidente nas atividades de desenho, nas aulas de música promovidas pela instituição ou até mesmo nas cartas que escrevem para os familiares.

Mesmo após a suspensão temporária do projeto, as pesquisadoras mantêm contato constante com a direção da unidade, de modo a manter o vínculo e aprimorar as atividades em progresso; e planejar novas práticas a serem desenvolvidas na instituição. O próprio processo educacional está em permanente construção, pois considera as contínuas mudanças sociais e os avanços tecnológicos (SOARES, 2002).

Aspectos relevantes para a realização de um projeto de Educomunicação

Em dois meses de Voz Ativa, foi possível observar a evolução de cada integrante do grupo e identificar em quais atividades tiveram o melhor desempenho. Ao final de cada encontro, as oficinas anotavam os principais acontecimentos em uma espécie de “diário de bordo”, que compilava os acertos, erros e desafios enfrentados. Os poucos relatos negativos sofreram ajustes posteriores, com o acréscimo de sugestões para superar as adversidades. Essas constatações foram elencadas e podem ser aplicadas a outros projetos de Educomunicação⁹. Os apontamentos estão listados a seguir:

- Atividades e dinâmicas lúdicas despertam o interesse dos adolescentes, que passam a se sentir mais dispostos, animados e integrados entre si;
- Apresente as atividades de maneira objetiva, sendo o mais claro possível. Fornecer exemplos facilita a compreensão;
- Utilize ferramentas tecnológicas para facilitar a assimilação do conteúdo e permita que os adolescentes manuseiem os equipamentos durante as atividades;
- Priorize referências atuais, que integrem o contexto da comunidade-alvo e tenha um significado para ela. Ao falar de música, por exemplo, inicie com o estilo musical mais popular no grupo, conquistando a atenção dos meninos para depois abordar novos gêneros;
- Estabelecer um bom relacionamento com a comunidade-alvo não garante o sucesso do projeto. É preciso manter o vínculo, que pode ser reforçado por meio de conversas triviais e dinâmicas;
- Não insista em assuntos que geram desconforto em alguém do grupo;
- As dinâmicas são indicadas para iniciar os encontros, pois “quebram o gelo” e, às vezes, movimentam o corpo, fazendo com que os indivíduos se entusiasmem e

⁹ Muitos elementos citados não são exclusivos a projetos em ambientes socioeducativos, podendo ser implementados em outras iniciativas com adolescentes.

desassociem as oficinas das práticas escolares – são vistas pelos adolescentes como desestimulantes e enfadonhas;

- Cumpra com as promessas feitas aos participantes e só prometa após saber da viabilidade. Além de eles criarem expectativa e aguardarem o acontecimento, a violação deste “contrato” descredibiliza osicineiros e interfere nas atividades.
- Evite fornecer informações pessoais por motivos de segurança. O relacionamento entre os educandos e educadores não deve se pautar em laços extremamente emocionais e afetivos;
- Seja transparente com a instituição e os mantenha informados sobre o projeto. O apoio das entidades parceiras é fundamental para o êxito das oficinas;
- Promova ações diferenciadas em pelo menos um encontro, como convidar um palestrante externo ou fazer uma exposição dos produtos realizados;
- Na socioeducação, nunca se esqueça de que o público é adolescente antes de ser “infrator”.

É interessante mencionar que asicineiras tinham experiências anteriores em projetos de comunicação popular e educomunicação antes do Voz Ativa. As acadêmicas estiveram vinculadas a um programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por mais de um ano, e atuaram junto a diversos públicos em situação de vulnerabilidade: catadores de materiais recicláveis, migrantes e refugiados, alunos de escolas de periferia, pessoas em situação de rua, idosos portadores do vírus HIV, entre outros. Em todas essas iniciativas, as pesquisadoras assumiram o papel deicineiras e educadoras, atuando no campo da Comunicação e da Educação ao mesmo tempo (SOARES, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução do Voz Ativa permitiu estabelecer um diálogo entre a universidade e a comunidade externa. O método da pesquisa-ação confirma a hipótese de que o público-alvo pode contribuir para o ensino e a pesquisa na academia. Nessa via de mão dupla, o projeto também representa uma maneira de aumentar a visibilidade dos adolescentes em conflito com a lei, que tendem a ser estigmatizados, excluídos e marginalizados pela mídia. A discussão acerca do tema se faz cada vez mais necessária, na mesma proporção em que os índices de

desigualdade socioeconômica crescem no país¹⁰. Falar sobre o assunto é compreender o contexto (a soma) de vulnerabilidades sociais em que eles se encontram. É chamar a atenção para a criação de novas políticas públicas e ressignificar suas imagens perante a sociedade civil.

Considerando os Censes, projetos de Educomunicação auxiliam no processo de reeducação de adolescentes em conflito com a lei, preenchendo as lacunas deixadas pelo Estado, inclusive na rede pública de ensino (CAMARGO; PRESTES, 2013), que desempenha um papel central e impactante em algum momento da vida deles – já que alguns abandonam a escola. Assim emerge a urgência de práticas alternativas no ambiente escolar, o qual carece de estratégias que proporcionem maior interesse dos alunos pelas atividades educativas.

Quanto aos adolescentes, os resultados benéficos das oficinas são inúmeros: fomentar a reflexão sobre o papel dos meios de comunicação na sociedade (SILVA, 2009), colaborar com a autonomia e o protagonismo juvenil, valorizar os saberes do grupo, evidenciar as demandas e vivências por meio de produtos comunicacionais, desenvolver cidadãos críticos, reatar o laço com a área da Educação e estimular a participação social. Após a “intervenção” do Voz Ativa, a própria comunidade-alvo se converte em “multiplicadores dos conteúdos apreendidos e mobilizadores na comunidade em que vivem” (ROCHA, 2012, p. 43), expandindo os aprendizados para mais pessoas.

Além de desenvolver o empoderamento social e comunicacional, o projeto almejou despertar nos participantes os sentimentos de pertencimento, esperança e perspectivas positivas em relação ao futuro. Espera-se que a comunicação seja vista e utilizada como forma de expressão; uma ferramenta capaz de emancipá-los. O elo entre Educomunicação e Socioeducação é enriquecedor a todos os envolvidos e merece ser mais explorado em futuras pesquisas acadêmicas.

Por fim, vale ressaltar que novos modelos de relação pedagógica e comunicativa precisam ser criados “para que os adultos ensinem não o que os jovens devem aprender, mas como devem fazê-lo; e não como devem comprometer-se, mas qual é o valor do compromisso” (SOARES, 2000, p. 21). É essa mensagem que o Voz Ativa continuará transmitindo assim que a pandemia for superada e as atividades retomadas.

¹⁰ De acordo com a “Escalada da Desigualdade”, publicada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ver: <<https://cps.fgv.br/desigualdade>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

CAMARGO, João Batista Monteiro; PRESTES, Fabiane da Silva. **Adolescente em Conflito com a Lei: Educomunicação como Perspectiva de Cidadania**. In: II Educom Sul, 2013, Ijuí. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/513/2019/05/6-1.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.

ONGARO, Viviane. **Rádio-escola como prática de uma educação libertadora: estudo de caso no Centro de Socioeducação Curitiba**. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25870>>. Acesso em: 24 set. 2020.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

RANIERE, Édio. **A invenção das medidas socioeducativas**. 196 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87585/000911217.pdf?sequenc>>. Acesso em: 21 set. 2020.

ROCHA, Débora Cristina de Melo. **Educomunicação, reflexão e vínculos comunitários: a experiência do projeto Mídia Jovem**. In: 3º Simpósio Educação e Comunicação, 2012, Aracaju. Disponível em: <<http://geces.com.br/simpósio/anais/anais-2012/Anais-035-049.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, n. 19, p. 12-24, 30 dez. 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/comueduc/article/view/36934>>. Acesso em: 28 set. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, n. 23, p. 16-25, 30 abr. 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>>. Acesso em: 28 set. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.